

ALEMÃES NOS PRIMEIROS DOS 500 ANOS DO BRASIL

Hernâni DONATO

21 de setembro, 1147. Lisboa.

Afinal, num assalto irresistível, Afonso Henrique, recém proclamado rei de Portugal, supera a defesa dos mouros e apodera-se da cidade. Entre as aclamações dos portugalenses e dos doze mil cruzados idos de meia Europa, os gritos do contingente alemão. Os primeiros dessa origem que serviram Portugal.

Aí começa, remotamente, a História dos quinhentos anos do Brasil. Daí partimos para lembrar os mais notorizados dos alemães que se interessaram pelo nosso país, quando este ainda em seus primeiros dias. E dos que ajudaram a preparar a façanha do Descobrimento.

Ou menos ou mais numerosos, em seguida ao sucesso em Lisboa, os germânicos tomaram interesse pelas realizações portuguesas. Mas é a partir do início do século XV que se fazem mais atuantes. Até, solicitados. Os registros portuários assinalam crescente presença de navios alemães, especialmente os de Dantzig. Maria Thereza Schorer assevera que ao redor de 1403 os teutões foram soldados, financistas, marinheiros ao serviço dos lusos, já então voltados à abertura dos caminhos marítimos. Não só gente rica, importante, experiente desceu da Germânia para a Lusitânia. Homens do povo, também. Por exemplo, Michael Harmem, sapateiro. Seria um profissional altamente hábil (ou o rei teria pés muito difíceis de acomodar em calçados) que recebeu do soberano isenção de impostos, taxas, direitos. Mercê raríssima em qualquer tempo e lugar. Depois da qual, dá para imaginar, não terá faltado serviço na oficina daquele artesão!

Portugal viveu a epopéia dos descobrimentos merecendo a admiração da História pelo desenvolvimento que deu à técnica de construir, de navegar, de se instalar. Mas, também, por fazer-se presente em todas as latitudes e longitudes, da Terra Nova e do Labrador, ao Japão, ao Timor, Málaca, China, boa porção da África, Brasil, quando não contava no território metropolitano com mais do que um milhão de habitantes. Esvaziado, a cada posse feita nas lonjuras, do contingente povoador ali fixado. País, portanto, pequeno em tamanho, pobre, parcamente povoado. Correu mundo a expressão sintética quanto eloqüente: “Deus reservou aos portugueses um território muito pequeno para nascer e muito grande para morrer”. Território que era o mundo daquele tempo. Portugal precisou, chamou, empregou quantos estrangeiros competentes, confiáveis, desejassem servi-lo.

Os alemães contribuíram. Com gente, capitais, tecnologia. No auge do movimento marítimo a quase totalidade dos navios despachados para o incógnito ou para confirmar possessões, levou arcabuzeiros alemães. Um alemão, Jobst von Huerten, mereceu ser nomeado autoridade nos Açores do ano 1486.

Nem as fantasias do povo, nem a audácia dos capitães teriam obtido o resultado conhecido sem a ajuda dos cartógrafos. O devassamento de águas e terras exigiu, em vez de armadores, profissionais hábeis, até um tanto imaginosos, ousados a ponto de recolher informações nas tascas do porto, nas casas de veteranos, nos descaminhos dos arquivos oficiais. E precisaram de desenhistas, impressores. Nessa tarefa, os germânicos ganharam distinção.

Foram estes a gravar os primeiros mapas-mundi (1473, 1475) e, superando os batavos, a instalar em Augsburg, Estrasburgo, Ulm os melhores centros cartográficos daquelas décadas nervosas e decisivas, as últimas do século XV.

FANTASIOSOS E RIGORISTAS, OS CARTÓGRAFOS ANIMARAM AS EXPLORAÇÕES

Esse voltar-se para as promessas ocultas sob vagas e para céus impensáveis, terá sido uma constante na Alemanha daqueles dias. Excitados pelas novidades que abalavam o seu espaço circunscrito e dispondo de escolas, oficinas, gráficas, iluministas, estudiosos, ela buscou

esforçadamente conhecer e participar do que faziam os ibéricos em sua disputa ao redor do eixo de Tordesilhas.

Martin Behaim destacou-se. Indo, da Nurembergue nativa a Portugal, incorporou-se a uma das incursões aventurosas, percorrendo parte da costa africana que então se desvelava. Na Lisboa acessível à influência alemã, leu o que havia para ler, entrevistou velhos marinheiros, adquiriu cadernos de notas e rabiscos de memórias. Já em seu país debruçou-se a produzir livro que impressionou tanto pelo que disse como pela forma como o fez, a respeito das terras e mares do Atlântico sul. No resumo de Barradas de Carvalho: "surge-nos um texto redigido em latim na última quinzena do século XV, intitulado **De prima inventione Guienae** redigido por Martin Behaim a partir de um relato oral que lhe teria feito Diogo Gomes, velho marinheiro e navegador do tempo de D. Henrique".

Martin tornou-se herói e lenda entre os interessados pelo assunto dos Descobrimentos e quando os italianos exaltaram os descobridores Colombo e Vespucci, os franceses quiseram a descoberta do Brasil para Jean Cousin, os espanhóis reclamaram tal glória para Alonso de Ojeda, Yañez Pinzón, Diogo de Lepe, numerosos e responsáveis alemães reivindicaram para Martin Behaim o papel atribuído a Cabral. Veremos isso adiante neste artigo.

Martin perseverou. Em 1492 construiu um dos mais famosos globos terrestres. O globo revela o entendimento que a Europa sustentava quanto a proporção de águas e terras. Em 1513, outro globo assinala a nossa Baía de Todos os Santos grafada como Abadia.

Esse entusiasmo teutônico pelas rotas devassadoras e pelos povos exóticos chegou ao convento dos cartuxos de Freiburg, chefiado por um abade sábio e curioso. Gregor Reisch, entre missas e vigílias compôs uma enciclopédia - **Margarita Philosophica** - que entusiasinou o público de 1496 e nas sucessivas reedições incorporou as novidades seguidamente trazidas pelos mareantes de todos os extremos. Na impressão de 1509 enquanto Portugal se esforçava por impedir que se falasse e escrevesse sobre a posse americana, aparece pela primeira vez algo como Brasil - **paria sive Prisilia**.

Quase nos mesmos dias em que Reisch recolhia informações sobre o Mundo Novo, Martin Waldssemueller, natural de Baden, ganhou

as atenções dos estudiosos com o mapa **Universalis cosmographia**. (1507). Nove anos decorridos, lançou a **Carta marina navegatória**. A Waldseemüller deve-se o ter ganhado o Novo Continente o nome América embora ele o tivesse circunscrito à América do Sul. Impressionam ainda hoje, as minúcias com que foi desenhado o litoral continental. E ele o fez antes que Magalhães cruzasse o estreito e que Pizarro conquistasse o Peru. De onde tantas e tão exatas informações se nem Munster (1542), nem Ortelius (1587), nem Mercator (1595) o acompanharam no traçado e nas denominações? Somente Peter Reinell, um entusiasta pelo feito de Magalhães desenhou com tais detalhes a costa brasileira.

Do muito por admirar e discutir nessa fase da altíssima produção cartográfica alemã no referente à América e ao Brasil, ganha destaque a atuação de Johannes Schörner.

Seus chamados **globos de Nuremberguer** faziam sucesso por levarem ao nível popular os conhecimentos e as extravagâncias do tempo. Mas quando Schörner mostrou Atlântico e Pacífico ligados por um estreito rasgado no extremo sul do continente sofreu duras restrições. Pois em 1522, quando talvez Johannes já não mais vendesse globos nas feiras, estas foram invadidas por folhas avulsas narrando a epopéia de Fernão de Magalhães que encontrara e cruzara aquele estreito ao realizar a primeira viagem de circunavegação da Terra.

Schörner e Magalhães - e quem sabe quantos curiosos mais - teriam tido acesso ao segredo severamente guardado pelos portugueses em torno do mapa Cauda do Dragão {Cola Del Drago} oferecido em Veneza ao Príncipe Perfeito e por este doado ao seu irmão Henrique, O Navegador? A suspeita de que tenha visto e até se apoderado desse mapa é robustecida pela referência de Dreyer-Eimbeck: "em Lisboa, Magalhães tivera contato com alemães, que, em suas funções de tipógrafos, cartógrafos e navegadores gozavam de grande influência na corte portuguesa". A viagem de Magalhães e a existência do estreito obcecionaram alemães para além do que fica dito. Foi em Colônia, 1523, que apareceu o primeiro relato amplo sobre o assunto, intitulado **De Molucci Insulis**. Surgiu com chancela que lhe transferiu credibilidade: carta de secretário de Carlos V relatando o ocorrido ao arcebispo de Salzburgo.

O Brasil esteve muito presente nessas elucubrações e nessas verdades dos cartógrafos teutos.

DINHEIRO ALEMÃO AJUDA AS DESCOBERTAS

Navegantes, cartógrafos, também capitalistas. E tão bem recebidos que a 13.2.1503 o rei Manoel concedeu aos banqueiros Welser tais e tantos privilégios que julgou bem declarar no mesmo despacho serem tais favores "a nenhuns outros nem aos nossos súditos ainda concedidos". Os Welser instalaram feitoria e mandaram-na administrar por homem mais categorizado do que o comum dos feitores: Simon Seitz conhecido e acatado em todo o reino.

E bem que o Simon precisou de habilidades. Seu maior concorrente junto ao rei e aos armadores de frotas foi exatamente outra família de grandes banqueiros alemães, os Fugger. Instalados, estes quiseram do rei os mesmos favores dados aos Weiser. E os obtiveram a 6.10.1503.

Dessa atuação dos capitais alemães no avanço português sobre continentes e oceanos nos ficou o relato curioso, minudente, do feitor Lucas Rem. Fez crítica da política e crônica da sociedade lusa. Lisboa era então a cidade mais populosa, rica, trepidante da Europa. Diziam-na "lente do mundo". Dreyr-Eimbeck afirma que "todos os navios ancoravam na **Alis ubbo**, a **baía alegre** dos árabes".

Tantos eram os alemães e tão envolvidos em negócios que tinham o seu próprio tabelião, Valentim Fernandes, que Sérgio Buarque de Holanda diz ser alemão. É em seus livros que portugueses animosos registram declaração importante: afirmam ter precedido Ojeda, Lepe e Pinzón no entrar pelo mar caribenho. É ainda Valentim quem fez, em alemão portanto, a cópia existente do **De prima inventione Guyanae**.

Na armada de Cabral, estiveram os arcabuzeiros freqüentes nos barcos lusos. E logo, São Vicente, o primeiro núcleo de povoadores de que temos notícia, registra a presença de alemães. São Vicente é aglomerado de étnicas - portugueses, espanhóis, italianos, alemães, ingleses - gravitando em torno de dois assuntos e interesses: fornecer navios de passagem para o Sul - o Pacífico espanhol - e de caçar e vender escravos a navios que vêm buscar pau-brasil, pimenta, algodão, macacos, papagaios. Um documento valioso revelou à Europa a vila e as suas atividades, sem referir-se a elas pelo nome.

'NEWEN ZEYTUNG", APOLOGIA DO BRASIL

Alemães estabelecidos em Lisboa investem nas viagens à Índia e nos que terão sido dos primeiros empreendimentos produtivos em terra brasileira. Cristóvão de Haro é um desses negociantes de atuação transoceânica. Estaria cogitando em ampliar atividades no Brasil - é Dreyer-Eimbecke a levantar a hipótese - requerendo para tanto financiamento de investidores alemães. Fez verter para o alemão um curioso documento anônimo, datado de 12 de outubro de 1514, e imprimiu-o em 1515, fazendo-o distribuir entre clientes abonados de Augsburg. Transformado no "primeiro depoimento em língua alemã sobre nossa terra", ganhou o nome **Newen Zeytung auss Presilg Landt** (Nova Gazeta da Terra do Brasil). Redigida em alto alemão, insiste em mencionar o **Brasil inferior**, ou seja, o do sul (Rio de Janeiro, São Vicente, Ubatuba, Cananéia) o que levou Joaquim Ribeiro a supor que o autor tivesse estacionado durante algum tempo naqueles lugares. Perdidos os exemplares ao longo dos séculos, a carta deslizou para o arquivo das alucinações que encantaram e seduziram aquele tempo e aqueles homens. Duvidou-se de que tivesse existido. Até que, em 1895, Konrad Habler descobriu, exatamente em Augsburg e no arquivo dos banqueiros Fugger uma cópia manuscrita e a **Newen Zeytung** voltou à atualidade. Há edições em várias línguas.

Varnhagen incorporou o texto à sua **História Geral do Brasil**. Joaquim Ribeiro fez o mesmo na **Biblioteca Histórica Record**. A Clemente Brandenburguer devemos criteriosa tradução da Carta que descreve - não se identificou ainda com quanta precisão e quanta imaginação - um Brasil nascituro e já disputado.

Disputado até quanto ao Descobrimento. Muitos, aqui e ali desclassificam Pedro Álvares Cabral desse privilégio. Alemães atribuíram o feito a um seu patrício.

MARTIN BEHAIM, O DESCOBRIDOR?

É certo que Martin percorreu trechos apenas descobertos da África. Os que o candidatam ao lugar de Cabral brandiram em seu apoio

o depoimento de Pigafetta a respeito de ter um dos mapas de Behaim localizado o estreito ligando os oceanos antes da passagem por ali de Fernão de Magalhães. E robusteceram-se com a carta do imperador Carlos V apontando o cartógrafo de Nurembergue como o "explorador mais notável, mais viajado dentre os meus súditos".

Esgrimindo esses argumentos, escritores germânicos dos séculos XVII e XVIII sustentaram "os direitos" de Martin. Logo em 1561, Wilhelm Postel, na **Cosmografia** gravou **Martini Bohemi Fretume** não Magallanes ou Magalhães para identificar o famoso estreito. E em 1628 na cátedra de Nurembergue, Wegenseil ensinou que "seu conterrâneo Martinus" estivera na América (algum ponto do Brasil) e cruzara pioneiramente o estreito. Buarque de Holanda arrola também a dissertação editada em 1714 em Franc-forte-sobre-o-Meno, **De vero Novo Orbe inventore** que atribuiu a Martin o primeiro olhar sobre a América. Dezesseis anos depois -1730 - Johannes Zeidler incluiu no **Léxico Universal** a afirmativa conciliadora de que Behaim, navegando sob bandeira da Borgonha recolhera os dados que, divulgados, possibilitaram os feitos de Colombo e de Fernão. Mais vinte anos e o reclamo não havia cessado como se depreende do **Léxico** assinado por Jocher. Não admira pois, haja sido esboçado um movimento que propunha a troca do nome **América** pelo de **Behaimia**. Ou, conforme uma variante: **Boemia Ocidental**.

Foram, porém, alemães como Reichenbach e Sigmund Günther que, na metade do século XIX fizeram, com seus estudos e depoimentos, arquivar a reivindicação pró-Martin Behaim. A qual, no entanto, ganhara prestígio a ponto de entusiasmar pessoas como Benjamin Franklin.

A hipótese não teria surgido e tomado corpo não fora volumoso e duradouro como foi o entusiasmo alemão pelas aventuras em chãos do Novo Mundo e o seu interesse comercial pelo Brasil Quinhentista.

RUMO A SÃO VICENTE: AVENTUREIROS E COMERCIANTES

Financista do nível dos Fugger e dos Welser e outros, com menores propósitos e recursos, cogitaram do comércio com selvagens

ingênuos que trocavam madeiras tintórias por espelhos e fitas. Mas também aventureiros, fugitivos das galés, sonhadores, erradicados da gleba aglomeraram-se em Lisboa pedindo lugar nos barcos prontos para abrir velas rumo às praias onde tudo era possível.

Os candidatos alemães não terão encontrado maiores dificuldades. Havia alemães por toda parte, prontos a ajudar seus irmãos de etnia e de idioma.

Staden, um dos aventureiros, deixa perceber essa espécie de "rede de apoio". Ao chegar a Lisboa "me recebeu, em sua estalagem, um hoteleiro alemão", o qual era jovem e se chamava Lehur. Lehur, além de hoteleiro agenciaria marinheiros protegendo os germânicos: "colocou-me como artilheiro no navio de um capitão por nome Penteado. Ele já havia conseguido desta maneira, empregar diversos patrícios". E estes seriam muitos pois no barco do Penteado viajaram outros alemães segundo Hans que nos transmitiu o nome de dois deles Johann Bruchhausen e Henrique Brant de Bremer.

A fraternidade exercia-se também no outro lado do oceano. Staden naufragou diante de Itanhaem. Sucedera o mesmo a outros que ali esperavam ajuda e retorno enviados de São Vicente. Mas Staden era alemão e em São Vicente, capital da área, a comunidade alemã era influente e solidária. Ali Hans foi "bem recebido - afirma Francisco de Assis Carvalho Franco (10) - pois tinha patrícios seus estabelecidos". E mais: "sendo bom artilheiro foi contratado, em 1553, para a função de condestável da fortaleza de Bertioga". Assim, o moço de Homberg passou a comandar os canhões do segundo baluarte da defesa portuguesa diante da primeira vila erigida na colônia.

Como, quando, teriam se instalado esses teutões em São Vicente? Há quem diga que logo depois da chegada de Cabral quando o reino, empolgado com as promessas da Índia não pode dar atenção total à descoberta americana. E mesmo, há quem afirme, antes ainda de Cabral, haveria, atividade comercial de franceses, alemães, portugueses.

Ao certo, oficialmente, ficamos com o relato de Pero Lopes de Sousa (**Diário da navegação** - 1530) que nos garante terem vindo alemães na frota colonizadora - não mais exploradora - de Martim Afonso. Se colonizadora, fixaria habitantes. Os alemães mencionados no Diário teriam ficado? Seriam os Roesel, os Schetz?

Philip Ziegler, gravador especializado em aventuras de alemães nos mares distantes produziu valiosa - histórica e financeiramente falando - gravura mostrando as ilhas de Santo Amaro e São Vicente. Vemos tabas, índios, meandros de rios, Staden, as vilas de IteneEhm (Itanhaem), Brikioka (Bertioga), S. Maro. Ao trabalho, Ziegler intitulou América das ist! Esfindung und Offenbahrung der Newem Welt/ deroselbigen Völcker Gestalt/ Sitten/ Gebrauch/ Policey und Gottesdienst/ in dressing vornemst Schiffährten Kuntzlich und ordemtlich zuzamen gefasset ...

UM ESTRANHÍSSIMO COMBATE NAVAL

Sabemos amiudadamente o que sucedeu a Hans Staden. Porém vale a pena enfatizar uma circunstância inédita a ponto de o seu descrever assemelhar-se a uma criação novelística. O fato ganha credibilidade por também ter sido referido em fonte francesa.

Aconteceu na barra do Rio de Janeiro, num dia de outubro de 1554, tempo em que, no dizer de Capistrano de Abreu, não se sabia se ao final o Brasil seria português ou francês, tão acirrada a disputa. Nesse dia, por fim, Hans Staden lograra obter um lugar a bordo do barco Catherine de Vateville, francês, e retomava a Europa. Nesse dia, o alemão vicentino Peter Roesel, feitor do engenho dos alemães Schetz, tendo levado açúcar e outros produtos ao Rio de Janeiro voltava a São Vicente, com o navio carregado. Saem quase juntos. O francês decide tomar o vicentino. Desce ao mar vários botes levando arcabuzeiros e artilharia. Obrigam Hans Staden a servir como intérprete, afinal já dominaria bem o português: que o navio vicentino se renda. Durante minutos, o alemão Staden, falando em português, intima o alemão Roesel a entregar um barco e tripulantes portugueses a um corsário francês. Roesel nega-se e começa o combate. Provoca ferimentos e mortos entre os franceses. Porém o mais ferido entre os atacantes foi o alemão Hans Staden. Este Peter Roesel merece melhor estudo. Terá sido um líder entre os seus e os vicentinos. Feitor de engenho era cargo que, a exemplo do que vimos com Hessus, requeria preparo, certa cultura. Roesel é referido por Staden e por Schmidl como capaz e disposto a auxiliar os seus patrícios em dificuldades. O engenho que comandou foi o primeiro do Brasil, mandado construir por Martim

Afonso de Sousa e por isso chamado “Engenho do Governador”. Quando chegou às mãos de Erasmo Schetz surgiu nos documentos sob a forma Scheter. E de Esquetes nos papéis em que recebe terras de sesmaria para a formação do canavial.

E houve, então, em São Vicente, momento em que os dois únicos engenhos de açúcar da colônia moeram sob a direção de alemães. No segundo engenho, o de nome São João, fundado pelo italiano José Adorno, o dirigente era Helius Eobanus Hessus. Natural de Bochendorf, no Hesse, cursou a escola superior de Marburgo e em 1548 ou 1549 partiu para o Brasil contratado para gerir os negócios de Adorno. “Guarda-livros”, especifica Carvalho Franco, encargo que condiz melhormente com os estudos em Marburgo.

Um homem de família de intelectuais (seu pai, humanista e escritor teria sido amigo de Lutero), formado em universidade, vem negociar açúcar, tabaco e quase certamente indígenas, que é o que fazem quase todos em São Vicente. E São Vicente era a capital do Sul. Possuía estaleiro para reparos, abatedouro, oficinas, armazéns, engenhos. Até, consta, um cenáculo literário com o concurso de jesuítas, fidalgos ilustres como os Adornos, homens capacitados como Eobanus Hessus. O que Hessus levaria para tais encontros, para retribuir, por exemplo, ao Adorno que, sabe-se, desembarcou sobraçando um exemplar da *Comédia*, poema de um florentino chamado Dante Alighieri?

Hessus também seria homem de armas e de sertão. Quando os vicentinos, obedecendo aos primeiros impulsos da vocação povoadora começaram a descer para o sul fundando fazendas e vilarejos foi ele o guia de algumas das tropas que abriram o interior do hoje Estado do Paraná. Há quem o aponte co-fundador do Rio de Janeiro e de Curitiba.

Quanto ao homem de armas, em 1565 foi posto no comando do reforço recrutado na sua região para socorrer Estácio de Sá em dificuldades para expulsar os franceses instalados na Guanabara. Tendo se conservado luterano numa São Vicente fortissimamente católica, comandou o ataque de uma força católico-portuguesa contra calvinistas franceses. José Adorno, seu patrão, seguiu nesse mesmo contingente. Porém, como simples combatente, ou seja, subordinado militarmente ao seu subordinado burocrático. Prova do conceito favorável em que era tido Heliodoro Eobanus Hessus. O qual soube exercer a função de comandante

com bravura tamanha que encontrou a morte, com numerosos dos seus comandados, no dia 8 de junho de 1568, na Praia dos Marinheiros / Niterói, enfrentando franceses desembarcados de uma nau.

Igualmente têm a ver com o núcleo germânico de São Vicente as primeiras e mais saborosas crônicas - se excluirmos as cartas-crônicas de Américo Vespucci e os três documentos remanescentes da escalada cabralina em Porto Seguro - das primeiras décadas: a de Hans Staden - *Warhaftige Historia und beschreybung eyner Landtschaft der wilden nackeren grimmigen Menschfresser Leuthen in der Newenwelt América gelegen* (**Verdadeira história e descrição de uma terra de gentes selvagens nuas, ferozes, devoradoras de homens, situada no Mundo Novo da América**). Título altamente promocional, sem dúvida. Editado em Marburgo no ano 1557 impressionou tanto a Europa que atravessou os séculos continuamente reeditada e não só em alemão ou português mas também em latim, holandês, francês, inglês, espanhol.

O segundo título, o **História verdadeira de uma viagem curiosa feita por Ulrich Schmidl, de Straubing na América ou Novo Mundo, pelo Brasil e Rio da Prata desde o ano de 1554**. A publicação é de 1599. De certa forma os textos se completam: o de Staden transmite as façanhas, usanças, padecimentos, ufanias, miséria, glória e morte de indígenas e de brancos: O de Schmidl fixa a geografia e o viver na vastidão paraguaio-brasileira entre Assunção e São Vicente. Pelos olhos e os sentimentos de dois alemães expedidos a vanguardear a curiosidade europeia pelo Novo Mundo, herdamos retratos de costumes, motivações, expectativas do índio, do branco, do mameluco dos primeiros tempos.

Também por aí ocorreu a integração de alemães no amanhecer do Brasil. A sua influência pode ser resumida em dois pronunciamentos que, por singelos e não direcionados à glorificação, resultaram eloquentes e a obra **Capítulos inéditos da História do Brasil** de Joaquim Ribeiro, ao justificar o trágico final da Revolta de Beckman (1684, Maranhão) atribui tal desenlace ao fato de que "nenhum, dentre os conspiradores, possuía o gênio enérgico e intrépido do Bequimão, cuja energia e intrepidez faziam lembrar o sangue teutônico dos ancestrais". Manuel Beckmarm, líder e vítima, nascido em Lisboa, era filho de alemão.

E Assis Brasil, no volume I da obra **Bandeirantes** julgou perceber na frase de Oliveira Vianna pelo menos uma das razões que

fizeram dos devassadores de sertão os gigantes que mesmo seus maiores inimigos reconhecem. E transcreveu-a: "Os nossos sertanistas e bandeirantes antigos no seu viver fragueiro e nas suas proezas assombrosas, oferecem numerosos pontos de contato e analogia com os homens da raça germânica".